

**Verdade, sujeito e linguagem:
imbricações teóricas e questões em aberto**

Renato Marcelo Resgala Júnior¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apontar determinadas observações críticas sobre o que é a ‘verdade’. Para isso, é preciso definir certas conceituações pertinentes ao tema, como Ser, Discurso, Linguagem, Existência, Realidade etc. Nesse processo, entende-se, junto a FOUCAULT (2011; 2012), que a discussão acerca da verdade enquanto um discurso demarcado e manipulado para fins específicos possibilitará a visualização de um processo de idealização e construção da imagem representativa da verdade, numa discussão acerca do que é a linguagem da verdade na existência do homem, percebido como sujeito cultural. Partindo de HEIDEGGER (1991; 2012a; 2012b; 2006) a linguagem torna-se o meio para a execução da exposição do discurso da verdade – sem a linguagem não há a apresentação, a representação, a presentificação da verdade no espaço, no corpo social; sem linguagem não há a presença da pluralidade das identidades culturais (no jogo do existir no mundo, do encontro decisório do ser com a alteridade do ser), discussão que trataremos com a crítica dos pensadores contemporâneos da cultura como Zygmunt BAUMAN (2001; 2010) e Stuart HALL (2006). Portanto, neste artigo, discutir-se-á acerca do valor da verdade em sua manifestação e representação enquanto discurso de poder na contemporaneidade.

Palavras-chave: Verdade; Poder; Pensamento; Linguagem.

“A verdade? Oh, o senhor não conhece a verdade! Não seria ela um atentado a todos os nossos pudores?”

(Friedrich W. Nietzsche, Crepúsculo dos ídolos, aforismo 15, Sentenças e setas)

A condição da verdade é, ao homem, uma necessidade inescapável. Ela reside onde há a vivência humana; lá onde o homem idealiza e põe pra funcionar no corpo social a sua própria existencialidade; bem para lá onde estão os encontros e desencontros pela linguagem, num mundo em constante pluralização de toda a sua multiplicidade e polivalência.

A verdade é o abrigo da vontade de poder do homem: nela, estão em cálculo os fetiches, os desejos, as necessidades, as vontades, as ações, as ideologias, os

¹ Graduado em Letras pela FAFISM – Muriaé-MG; Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (UFSJ) – São João Del Rei-MG. Professor de Literatura Comparada, Teoria literária e Literatura Portuguesa do curso de Letras do Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ. Professor de Português Jurídico e Oratória, do curso de Direito, da Faculdade Redentor de Itaperuna-RJ. Servidor público da educação estadual desde 2008.

pensamentos, tudo legalmente sob certas medidas, calculadas, pesadas e quantificadas – porque a verdade tem seu valor.

Entenda-se, a priori, que, numa primeira instância do sentido, a ‘verdade’ remete-nos à tradição conceitual filosófica a qual se preocupou com a efetiva ampliação e expansão (por longos impérios e reinos) do discurso da lógica, da razão, da idealização, do princípio (desgastado e falho) de uma igualdade do ser, da fonte de um saber reduzido ao que seja só calculável¹-coisas de um cartesianismo didático.

Desde o começo da intelectualidade ocidental, com os gregos e os seus conquistadores, aos romanos, a verdade criva-se de medidas e matematizações de sua forma e em sua essência (berço da Moral de uma cultura, sociedade, comunidade etc.).

Em outras palavras, para falar, aprioristicamente, sobre a verdade, é preciso saber que há, então, um posicionar-se para dentro da história da tradição metafísica (do discurso ideológico socrático-platônico-aristotélico em torno da razão, da palavra, da linguagem, do bem, do belo, da verdade, do ideal de ser etc.), que formata e modela os valores que torneiam o discurso sobre a verdade.

Platão² a denomina de *aletheia*, ἀλήθεια, que é o acontecimento do ser pela claridade da luz (Solar) pela qual ele desvela, com os olhos, permitidos pela clareza, a realidade das essências das coisas do mundo visível agora, para fora da *caverna* e da escuridão: assim, os termos *desvelar*, *desvelamento*, por conseguinte, simbolicamente, referenciamos ato de ver, de estar às claras: como os gregos falavam por símbolos e representações (a mimesis linguística muito bem delineada no pensamento de Aristóteles) é, pois, a verdade a revelação pela visibilidade do ser. A verdade tem que se apresentar ao mundo às claras: nela, o homem vê o que está à sua visão, percebe os delineamentos da forma, a cor e a luzimágética: o homem ao ver sente que apreende (vã ilusão), pela linguagem, pela palavra, pela quebra do silêncio, a essência do ser, ao imaginar, ver e representar o mundo.

A pergunta que é a grande pergunta heideggeriana (*Grundfrage*)³, emerge de nossas mentes: já que se há o ser (uma invenção, uma adaptação, uma utopia existencial) e não o nada (*nihil*, o vazio, o aberto, o-que-virá-a-ser-feito, o devir), o que é o ser?

Mas o ser – que é o ser? Ser é o que é mesmo. Experimentar isto e dizê-lo é a aprendizagem pela qual deve passar o pensar futuro – não é Deus, nem um fundamento do mundo. O ser é mais longínquo que qualquer ente e está mais próximo do homem que qualquer ente, seja este uma rocha, uma animal, uma obra de arte, uma máquina, seja um anjo de Deus. (...) Supondo que em si nos seja dado questionar tão simploriamente: como se comporta, então, o ser em relação à ex-sistência [Dasein, experimentação da vida em suas multiplicidades, vivência totalizante do homem em mundanização]? **O ser é a relação, na medida em que retém, junto a si, a ex-sistência na sua essência existencial, isto é, ex-stática e a recolhe junto a si, como o lugar da verdade do ser, no seio do ente** [seiende] (grifos nossos) (HEIDEGGER, 1991, p. 16-17)

Na relação que o ser mantém com a existência, constrói para a sua morada, para sua casa (a linguagem), o fazimento das identidades culturais. Denotamos a palavra fazimento, pois, em fluxo, líquida, cambiável maleável é a Identidade enquanto a postura do ser em face ao mundo, ao jogo do ser no Dasein. Com o discurso da verdade, estando no terreno cultural onde se jogam as múltiplas identidades e verdades de vivência, o ser sente-se seguro (mas não haveria neste estar segurado um medo, uma recolha, um aprisionamento das vontades, um instinto de acomodamento em face à existência, ao porvir?).

Prosseguindo, pode-se perguntar o que é a verdade senão um discurso de poder (daí falar de uma tradição intelectual em torno do discurso da verdade)? Como arealização no espaço-tempo (que é, pois, a experimentação do ser no estar-aí do mundo, vivenciando-onum processo de culturalização, de mundanização) e amanifestação da efetividade de ações (hábitos, comportamentos, pensamentos, linguagem), há, frise-se, não só uma verdade, mas uma vastidão de discursos que traduzem um sentimento de verdade, discursos estes que jogam com valores essencializados, os quais demarcam a vestimenta da verdade – o véu da verdade – nos mais variados contextos de inserção e interação social⁴.

A verdade possui, enquanto discurso de poder, direcionamentos, valores objetivados, ideologiasperspectivísticas, em outras palavras, possui o fim, **τελος** (téllós, o fim), de todo o seu processo de produção, em âmbitos políticos, culturais, locais, educacionais etc.

Assim sendo, numa primária constatação, ao se pensar sobre a verdade, na contemporaneidade, deve-se ter em vista que toda verdade é, pois, uma disposição-arrumação-convenção de um constructo simbólico-representativo (discursivo ou real efetivo), dada no jogo da linguagem: a verdade, a nossa necessária busca e conquista da verdade, tem na sua potência discursiva a força para articular,

aproximar e distanciar linguagens e identidades, presentes na multiplicidade existencial, ao mesmo tempo líquidas e fluídas. O que podemos entender é que o discurso da verdade tem seu caráter agregador, unificador (daí, pensarmos, por exemplo, na verdade discursiva em jogos de campanhas políticas, nos quais o ideal de patriotismo sempre vem floreado), o que nos leva a pensar, por conseguinte, que há, pois, em cada contexto de produção cultural, em cada sociedade, em cada rincão do planeta sempre uma força discursiva da verdade, a qual se desdobra em demasiadas ofertas de ideais: essências que podem ser valoradas e medidas, disponíveis no mundo a um preço.

A verdade é um jogo econômico de valorar o que se precisa ser, o que se necessita ter e como se deve existir. Cada vez mais, a verdade confirma-se como um discurso pelo mais-poder lucrativo, econômico: por exemplo, a indústria de propaganda que atropela com ideologias e perspectivas, no mínimo, falaciosas sobre a vida – será que eu vivo sem a marca da roupa tal, ou do carro do ano, ou da casa mais bela, ou do brinquedo mais tecnologicamente avançado, ou do corpo que encomendo em clínicas?

A verdade tornou-se um discurso capaz de engendrar ideologias no imaginário com fins lucrativos: os CEO's das grandes empresas e representantes de grandes empreiteiras, muitas das quais suspeitas criminalmente, sabem disso e instalam-se, às escuras, nos parlamentos e assembleias espalhadas pelo ocidente, organizando e estruturando leis que apaziguem suas necessidades e estructurem – na sua forja dos valores culturais – os modelos econômicos, os padrões de vida regular (o documentário *Supersize me*, dirigido e apresentado por Morgan Spurlock, de 2004, traz uma série de questões acerca da política protecionista às – mais uma extensão do tentáculo da *americanwayoflife* – empresas de *fastfood*, ou melhor, *junkiefood*).

Michel Foucault, em seu ensaio 'Soberania e Disciplina', publicado no livro "Microfísica do Poder" (2012), traz à vista alguns questionamentos intrigantes:

A questão tradicional da filosofia política poderia ser esquematicamente formulada nesses termos: como pode o discurso da verdade, ou simplesmente a filosofia entendida como o discurso da verdade por excelência, fixar os limites de direito do poder? Eu preferiria colocar uma outra, mais elementar e muito mais concreta em relação a esta pergunta tradicional, nobre e filosófica: de que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade? **Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade,**

existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade(...) (grifos nossos) (FOUCAULT, 2012, 278-279)

Com a verdade, os símbolos culturais e os constructos ideológico-morais permeiam o espaço e âmbito social, sob a força de um instrumento fundamental, o berço e o invólucro do ser: a linguagem.

Quando se tem em vista que é com a linguagem que o homem constrói, elabora, promove sua *existência apropriativa* do mundo, percebemos, consoante a isso, que as relações de poder articulam-se pelo funcionamento e circulação do discurso, i.e., de uma estrutura de linguagem comunicativa e expressiva (referencial, simbólica, significativa). É com a linguagem e suas marcas da discursividade (contexto, cultura, sociedade, época, meios, fatos, dados, acontecimentos etc.) que se instaura a ideia da verdade no corpo social: surgem as leis, normas, regulamentações ou mesmo em outros campos, as *tendências* estilísticas da arte, como na moda, na música, no cinema, na literatura e na arquitetura, ou ainda, operando substancialmente na produção de saber – haja vista as novas perspectivas inclusivistas, pautadas na pluralidade cultural e humana dentro das escolas e universidades.

A pincelada da escrita de Foucault nos convida para a lucidez: somos os modelos condicionados a ser o que nos tornamos (mesmo neste mundo que é limitador, exclusivista, sectário e manipulável) e para nos tornarmos, para termos a condição de ser, havemos de produzir a verdade; conseqüentemente, em sua estruturação social, em sua simbologia, mais do que inventar e criar a verdade, teríamos, nós os homens que estamos no jogo da existência, nós temos que vivenciá-la, a verdade, na sua configuração estrutural, na conduta diária, no diálogo com as pessoas, no trato das relações de trabalho, no zelo do conviver com o outro, na formação da estrutura familiar, em toda possibilidade de existir no mundo: onde o homem encontra o espaço para viver, inicia-se o jogo da produção da verdade; portanto, da execução da linguagem (de escolhas, adaptações, ajustes, disputas e diálogos) no espaço do corpo social, pois coma verdade, i.e., com a perspectiva da

verdade⁵, o ser faz a sua vida (dessa forma, entende-se que há a verdade como discurso que modela a conduta da vivência do ser humano)⁶.

Assim, o que se pode depreender dessa noção de *existência*, tão cara à história de toda Filosofia ocidental? Orientamo-nos, por nosso caminho, pela criticidade e perspicácia analítica de Heidegger (1991, p. 10):

A ex-sistência assim entendida não é apenas o fundamento da possibilidade da razão, ratio, mas a ex-sistência é aquilo em que a essência do homem conserva a origem de sua determinação. A ex-sistência somente se pode dizer da essência do homem, isto é, somente a partir do modo humano de 'ser'; pois, apenas o homem, ao menos tanto quanto sabemos, nos limites da nossa experiência, está iniciado no destino (Geschick) da ex-sistência (Da-sein)

As marcas da verdade aparecem quando há uma apresentação estrutural do que se toma como verdade (seja um pensamento ou uma ação) em forma de linguagem (em outras palavras, enquanto a representação da expressão humana em sua pluralidade). Jogando com a linguagem, o ser recria os espaços de verdade para o seu existir. Inventamos e moldamos, para nós, numa contínua interpretação – hermenêutica da vivência – do mundo, do outro, dos seres e mesmo do porvir – existimos no mundo, porque estamos em relações constantes com o que há no mundo.

Onde habita o homem, a linguagem é seu pulsar e dita o ritmo da existência: neste mundo plural, há sempre uma 'verdade' a se crer, a se ler, a se dizer, a se nomear, a se identificar com o real e a se fazer presente. Essa verdade fala, tem sua linguagem. Neste inter-relacionar-se, o homem precisa da verdade como instrumento para sentir-se em pertença com a existência-aí, com a vida em seu contexto histórico-cultural-econômico. Precisamos da verdade para não nos sentirmos sós, para jogarmos na existência junto à alteridade que há em nossa volta. Daí, o poder limitador da verdade: se se encaixa nos ideais propostos, sempre se é bem-vindo; caso contrário, a porta fechada, o trinco travado, a cela encadeada.

Verdade e identidade são constituintes de uma decisão do ser em sua totalidade, em sua plenitude de poder ser decisório. Mas vale a pergunta: o que é identidade? O que se diz por detrás da palavra? O que se guarda na força da pronúncia – 'Eu tenho tal identidade, *eu sou assim*'?

Se nós falamos de identidade, falamos, primeiramente, de um sentimento, de um sentido de pertença e de busca pela igualdade: as identidades são idênticas a

quem? Há, pois, na ideia de identidade o sentido de comunidade, no qual muitos semelhantes em sua pluralidade de identidades identifiquem-se como comuns, iguais, (não é assim, quando jovens experimentam a vida escolar, formando seus grupos, dando suas jogadas, fazendo suas escolhas?!).

Identidade é um calabouço sógnico: o trabalho de Stuart HALL, em “A identidade cultural na pós-modernidade” revela-nos traços históricos de uma passagem conceitual (de uma mudança histórica das formas de interpretação em torno do ideal de identidade, de ser, de humanidade, de homem etc.).

As sociedades da modernidade tardia (...) são caracterizadas pela ‘diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (...) está é uma concepção de identidade muito diferente. (HALL, 2006, p. 17)

A verdade é uma contínua e mutável manifestação discursiva (marcadamente, uma manifestação daquilo que outrora chamaria-se de ‘essência’ do ser e, hoje, partindo das perspectivas críticas de Zygmunt BAUMAN⁷, denotamos como as *identidades culturais* que modelam o homem) que colore, modela, adorna e abrilhanta ou declina o ser em sua identificação com o existir no corpo social: pela identidade, pelo jogo da identidade no espaço e tempo o homem repesa os valores sociais, ele *brinca* com o mundo – mas que instinto é esse que sempre parece guiar os homens a um direcionamento, a uma conveniência intelectual, a um limitar-se no existir?

Queremos sempre um refúgio para um amanhã vindouro. Ansiamos pelo amanhã irreal. Nietzsche chamaria de vontade de rebanho, de querer ser pouco, de colocar horizontes em vista como se colocam as viseiras nos cavalos: com a sacralização do discurso da verdade, com a cristalização da vontade, fecha-se o ciclo do saber. Qual é essa relação com o conhecimento? Que vem a ser a pluridimensionalidade e polivalência do saber na realização efetiva da verdade para o corpo social?

Foucault em uma das suas conferências publicada no livro *A Verdade e suas formas jurídicas* (FOUCAULT, 2011, p. 16) assim expõe:

O conhecimento foi, portanto, inventado. Dizer que ele foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana. O conhecimento não constitui o mais antigo instinto do homem, ou, inversamente, não há no comportamento humano, no apetite humano, no instinto humano, algo como um germe do conhecimento.

Num passo atrás, Martin Heidegger, em seu aprofundado e claro estudo sobre a essência da verdade⁸ (intitulado 'Vom Wesender Wahrheit', 'Da essência da verdade', curso ministrado na Universidade de Freiburg, entre os anos de 1933-34), afirmava que para se falar da verdade era preciso, antes de mais nada, ser verdadeiro e real, em toda potencialidade de seu existir, para que a verdade se desfaça de sua máscara e revele-se no mundo como aquilo que o ser se tornou (não meramente uma essência imutável e intangível, que se apresenta na aparência do ser, mas o que ele deve-tornar-se):

Questionamos a questão da essência da verdade. Isso significa, primeiro: queremos sondar o que é, pois, a verdade 'em geral', em que 'consiste propriamente' algo assim. Este questionamento da essência da verdade é de fato um empreendimento evidentemente 'profundo' e 'importante'! Ou será mera aparência? Pensemos, de uma vez por todas, que significa refletir sobre a própria essência do próprio perigo, discutir amplamente o conceito geral de perigo e esquecer os perigos reais, não estar à altura de vencê-los. **Para que realizar considerações profundas sobre a honra, elaborar com cuidado o conceito geral de honra – e, ao mesmo tempo, ser de todo sem honra e agir desonradamente? E do mesmo modo: correr atrás da essência da verdade, discutir sobre a estrutura e conteúdo do conceito de verdade -, ao mesmo tempo, desconhecer e descuidar-se do que é verdadeiro[...]** (grifos nossos) (HEIDEGGER, 2012, p. 97)

Todo medir, pesar, valorar é, só, e tão somente, a própria condição do homem para mesurar os espaços e a realidade da verdade (a vivência no corpo social), de como articular o discurso da verdade (as suas ideologias, pensamentos, vontades) com a vida em suas praticidades (o lado pragmático da existência: viver com clareza e objetividade, quando preciso); a vida em seus encontros dentro dos quais a pertença do ser no mundo, as multiplicidades de identidades e os jogos culturais perfilam na presença do estar-no-mundo⁹,

Hoje, a verdade, por vezes, é entendida como uma disputa e uma conquista a ser celebrada. Mas quem aclama os celebrados? Por que são vangloriadas algumas verdades enquanto outras caem em desuso? A pergunta mais apropriada vem-nos: quem comanda e direciona a formação do gosto pela 'verdade'?

Pérfida e silenciosamente, a Indústria Cultural na contemporaneidade, em sua plural existência no mundo, domina, coordena, estrutura, manipula e forja o que deve ser visto como ‘bom’, ‘ruim’, ‘verdadeiro’, ‘mentiroso’, ‘real’, ‘irreal’ etc. Não há como negar a força política e ideológica da mídia na formação dos homens, das leis e seus impactos na vivência, do comportamento e do hábito como padronizações e limitações da vida (o ‘isto é isto e pronto’, ou até mesmo ‘isso é, porque isso é original’ – mas para cada qual seu valor real).

As tradições culturais, os modelos comportamentais e toda uma ideologia social são constructos simbólicos – pela linguagem – que criam o sentimento de ‘verdade’, de efetiva presença de algo, de um ser que seja capaz de compreender e se aquietar em face às complexas relações humanas na contemporaneidade.

A vida nos dá caminhos, direções, de onde inventamos e imaginamos nossas próprias direções, metas e objetivos; mas será preciso que tenhamos um ‘fim’ na vida, um objetivo final, um ‘porquê’ (na roda insana de se ter que haver sempre uma relação decausalidade-consequencialidade na vida, como se tudo fosse possível de se mesurar com pesos e valores inventados e condicionados), um ‘leitmotiv’ existencial? Ter uma verdade na vida o que é? A verdade é o que dá valor, o que possui valor, o que se apresenta ao mundo como valoroso? Somente? Tudo tem seu valor, então? Com que direitos medimos, com que medidas? Com que pesos? Com que ideais subjacentes¹⁰?

Somos todos levados a acreditar, motivados por uma sociedade tecnocrática e consumista a estar-se sempre em uma insana vontade de adquirir para pertencer; somos forçados a ver, desdobrados na perspectiva da ‘felicidade de uma vida de consumo’ ou de se ter ‘uma finalidade na vida’, que há um porquê no existir, uma explicação pura e deificada, um ‘tudo está certo’ – mas que a nós nos soa falsário -, uma necessidade de que tudo deve ser medido, calculado, quantificado como relações de causa-e-consequência (essa necessidade que se faz de vício, pois, valorar-se em equiparação, buscando sempre as causas morais para fenômenos que nunca foram morais, senão, como diria, Nietzsche *interpretações morais*, tornou-se, na roda da história, inerente ao ser); em que há, não somente um final (um motivo, uma razão), mas também sempre um ideal maior, supremo (vide o *ens supremum* do discurso religioso), um ‘valor em-si’¹¹, uma essência das essências.

A vida seria mais fácil se fosse simplesmente calculada em números, medida pelos binarismos, quantificada em dados, estruturada estrategicamente? Seria mesmo preciso medir, calcular, precisar, avaliar o mundo para existir no mundo? Há, de fato, uma quebra: o homem sente-se tal um abismo em sua abertura ao desconhecido, pois somos, antes de tudo, sinal da multiplicidade e não estamos mais com as costas à fogueira da Caverna platônica – a humanidade descobriu que há máscaras na vivência, na vida em sua interatividade com o outro e por meio delas, das máscaras de identidades que inventamos, adaptamos e experimentamos, portanto, o estar-vivo-no-mundo.

Saímos da caverna, do discurso mítico, do espaço obscuro de uma vida de não-saber (a insciência, ignorância e esquecimento) direto pro aberto do Sol, da luz, da razão (ou melhor da ‘razão’ – do aprisionamento do ser, ideológico e cultural). Em sua caverna, ao deslumbramento do mundo, há muito de castração, dominação e perversidade agora à vista do homem. Sair da caverna, rumo ao fogo, à chama, à clareira da razão, simbolicamente, não é viver pela razão, pelo ideal de bem, por extensão, uma idealização metafísica da verdade? O homem, quando saiu da caverna simbólica e viu um mundo livre e aberto para o seu ‘ser-em-si’, um mundo que estava em diálogo com as existencialidades do ser, parece não ter acreditado (crido, visto e entendido) no mundo que o cercava: precisava de inventar um outro, que adestrasse e corrompesse com a sensual palavra ‘verdade’ uma precisa invenção: a metafísica, a ideia de unidade da vida, a ideia do próprio ‘em-si’ imutável e imanente; o homem precisava inventar o controle da própria existência, precisava da visão do Ideal como pleno, opondo-se ao livre e verdadeiro mundo real e efetivo, inferiorizado em face ao Mundo Perfeito das Ideias (trabalho este muito bem realizado, no decorrer dos séculos, pelos discursos religiosos ocidentais e orientais na sua tarefa de adestramento e arrebanhamento dos seres).

Ambiguidade insólita nesta metáfora filosófica platônica: sair da caverna, do abismo do aprisionamento, ver com a clareza da luz do Sol o mundo (e não entendê-lo como livre e aberto, mas sim feito uma prisão ‘imaginária’ – isso não é contraditório? Negar o real, aquilo que nos é experimentado como algo irreal, como se todo o amálgama das sensações, todas as interações da existência do ser experimentadas *in vita* fossem apenas ilusões, como se toda a existência real e efetiva fosse, pois, simbólica ‘feitiçaria’, para que então pudéssemos acreditar num

inventado sistema de 'crédito' moral de um futuro invisível – a metafísica e a religião desde os gregos não agem assim, com seu Olimpo, Paraíso, Céu etc.?)¹².

Ainda somos levados (pelo tempo, pela cultura, pelas 'necessidades sociais' fluidas, líquidas e cada vez mais 'necessárias', na roda do consumismo) acreditamos numa 'verdade' una, inabalável (efeito das religiões, numa metáfora, ansiamos por um oásis do pensamento donde repousar o conforto de nossa vida), efeito *hocus-pocus* da sedução de um mundo ideal, da esperança silenciosa de um mundo melhor, mais justo, mais equilibrado (mas desde que seja pesado, repesado e recontado com 'nossos inquestionáveis valores morais puros', da pureza do Ideal da elite cultural e econômica).

De fato, calculamos a nossa existência, medimos nossos gostos, pesamos e valoramos nossas fugazes 'necessidades de agora': no horizonte, há sempre um ideal e, nele, temos a certeza, perigosa certeza de que reside, em nós, a 'verdade', de que nós possuímos a verdade: sombra de uma esquizofrenia filosófica do ser, quase à Luís XIV, "Le'Etatc'est moi!" (O Estado, o Poder, a Lei sou eu!).

Ao homem resta o dilema da procura da verdade.

O que envolve este 'procurar a verdade'? Quando se procura se procura com horizontes, valores em vista, vontades inventadas? Que verdade procura-se? Qual o valor da procura dessa verdade? A quem ela tem valor? Que tipo de valor?

Como necessária observação, afirmamos que perguntar o que é a verdade já traz consigo muitas convicções, armadilhas e estreitas ideologias por-detrás. Se se pergunta pela 'verdade', se tem à mente uma linha de raciocínio, uma razão, um ideal, valores que põem a discursividade do que se constituiu também como verdade.!

Mas não querer saber o que é a verdade é também estar no terreno da própria questão primária: ainda há uma verdade, que mesmo que não queira se saber, uma verdade que se apresenta no mundo, corporificada nas ações humanas, no pensamento, no conhecimento, na legislação, no cuidado com a saúde, na administração e na condução da vida em seus múltiplos relacionamentos (afetivos, intelectivos, econômicos) do corpo social.

'A verdade faz-se presente. Ela precisa do meio, do locus, do espaço, do ambiente em que possa ser visualizada (sensualistamente, sentida): verdade é o que a nossa percepção nos diz como verdadeiro, real, visível': o que isso diz-nos? Que o real tem que ser sentido? O real tem que ser pensado? Ora, isso não é definir

o ser (a verdade do ente em sua totalidade), não é descobrir a realidade efetiva, mas, sim, e tão somente interpretação, julgo de valoração, com fortes raízes em toda discursividade de tradições histórico-culturais.

E daí abrimos o primeiro buraco para a questão que acima apontamos: por que ela, a verdade, tem de ser vista e percebida? Por quem? Para quê? Com que finalidade? Quem diz o que é algo como verdadeiro? Qual nosso índice de verdade sobre as coisas, i.e., nossos valores sobre o que aceitamos verdade?

O que nos ocorre, não por acaso, mas por experiência, visualização, observação, é que como resultado desses questionamentos sobre a essência da verdade encontraremos, ao final, um lógico padrão de vida na contemporaneidade: o consumismo e seu ideal de homem do consumo.

Se a verdade é-nos, ela tem que ser uma confirmação, uma comprovação de que o nosso eu, a nossa vontade (sendo que não há 'vontade' real, tudo é *condição* de vontade de poder e de *mais-poder*) tem que se aparecer como tal, é porque possui mecanismos de sedução, de aproximação: há no mundo um trabalho obscuro e nivelador (para níveis abissais) em que se formata uma nova máscara para o ser, proveniente da falácia do bem-estar social que gera o comodismo, o *comfortable thought* – seduzindo, toda indústria cultural de massas está trabalhando para arrebanhar consumidores em potencial.

Com isso, tomamos, encantados, a verdade como aquele pote de ouro por detrás do arco-íris. Esquecemo-nos, no entanto, que viver é dar-se no perigo do aberto mundo e suas possibilidades; que viver é trilhar e desbravar, romper e criar, não recostar-se e aconchegar, porque, à frente, há o caminho, há a travessia, há as estranhas passagens, há os 'lamacentos pântanos' morais a se cruzar, há as pontes ideológicas perigosas demais, há as pessoas hostis e hostilizadas, há a sombria solidão e tudo parece-nos estar em conspiração (com o sorriso estampado de uma propaganda) e quer nos sempre seduzir para que voltemos ou melhor para que compremos (o discurso da mídia se faz pela máscara simbólica de uma verdade traçada na idealização e simbologia do desejo, do fetiche do consumo).

A verdade é inerente ao ser e o ser anseia pela verdade em sua vida, por isso o estar-no-mundo é o existir pela verdade. De fato, damos-nos limites: no espaço social, na vivência com o outro, precisamos e ansiamos por regras, leis, morais, princípios que possam nos reger em nossa existência: criamos tantas regras e leis

(nossas doces grades) para que possamos nos sentir seguros e ‘livres’ – mas do lado de dentro da prisão moral de nossa existência?

A verdade é, pois, uma conquista: quando a encontramos, descobrimos que sempre houve, há e haverá, em torno da ideia da verdade, *onada* – a verdade¹³ é um discurso do Ideal, do imaginado, ainda às sombras clássicas de um pensar retórico, que produz, sobre si e de si, outras fundamentações e conceituações acerca do ser, que se organizam para criar as ‘essências’ do ente, como os ideais de bem, belo etc.

Talvez, nesse momento, nossa linguagem soe estranha, porém, expliquemo-nos: no nosso mundo tecnocrático, em rede, capitaneado pelo poder aquisitivo, por meio de um discurso da verdade engendrado em leis, regras, moral, costumes culturais, a *domesticação* do ser pelo *ideal do consumo* inicia a sua jogada.

Há um combate silencioso na vida humana: seduzidos, de um lado nossas marcas da identidade caem nos braços da ‘necessidade’ do agora, do querer isto e aquilo como ferramentas para a nossa ‘felicidade líquida e fugas’; de outro, na contramão da história, a verdade como o saber, como a linguagem da cultura que não somente orienta e padroniza (com regras, morais), mas, também, direciona caminhos e dá a possibilidade de ir para além de nossos limites cognitivos.

Se com o ideal de verdade construímos as ações sociais, imaginamos nossa inteira permanência no mundo e direcionamos nossa própria vivência, é porque, a nós, a verdade, o constructo simbólico que vem com a verdade (ideológica e moral, educacional e cultural), reflete-se no espaço e no tempo de nossa experimentação do existir-aí: com o estar em interação no mundo, com o mundanizar-se, o homem experimenta a vida, aprendendo-a, selecionando, internalizando, memorizando, codificando, sistematizando sua prática de vivência.

Posto que a vida é, em sua existência e em sua contínua essencialização, múltipla, aberta, incerta e mutável, como pensar o homem, o ser, o sujeito¹⁴ senão como também seres nos quais a multiplicidade, a incerteza, a mutabilidade de si e a abertura do sendo na totalidade seriam as suas vitais marcas da sua existência?

Ouçamos o poeta Fernando Pessoa, sob seu heterônimo, mestre Alberto Caeiro¹⁵, em o Guardador de Rebanhos, poema XXXIX:

O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece

Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam
delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

**Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,**
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:

As coisas não têm significação: têm existência.

As coisas são o único sentido oculto das coisas.

(PESSOA, 2012, p. 65) (grifos nossos)

É-nos muito mais confortável ‘acostumar-se à vida mesmo’, dizer que a vida é assim, porque tem que ser assim, porque ‘não há como ser de outra maneira’: o *bem* é o que está aí, o *belo* é o que aparece belamente por aí e a realidade vêm-nos à claridade de nossa visão e a vemos, ainda extasiados como aqueles de quem Platão falara em sua República.

A Indústria Cultural, perfidamente, maquiavelicamente, utiliza todas as estratégias de sedução e aproximação para a ‘formação’ de um tipo novo de ser: o homem do consumo (o documentário ‘*Consuming Kids*’¹⁶ traz em debate como engenhosamente grupos de publicitários utilizam da identidade e da cultura para adentrar o universo da criança).

Assim crê e quer que pensemos a engenhosa máquina manipuladora do pensamento que é a Indústria cultural e sua fixação de um ideal (a mídia nos dita comportamentos, tendências – ao que se comprar! –, formas de se falar, o que assistir, no que gastar – eis aí sua lógica linear: o lucro, o bem do capital¹⁷), manipulado por uma elite hegemônica¹⁸ que corrompe as estruturas sociais (a falência – temporária?! – da maior estatal brasileira não sinaliza para um futuro às sombras?).

No entanto, o século XXI, a era da tecnocracia do capital, reconduziu e redirecionou toda a visão sobre a verdade: por extensão, toda a produção cultural e artística humana está perpassando por severas transformações no seu imaginário coletivo, muitas das quais trazem à tona discussões capilares à estruturação da

sociedade contemporânea (telenovelas discutem o ‘câncer’ e a ‘loucura’ dentro da família; debates, simpósios e encontros são feitos acerca da questão do aborto, da legalização de drogas, do direito à liberdade de expressão etc. – o que se está em vista é a necessidade da discussão dos valores conceituais que coordenam a vida humana, valores muitos dos quais, jazem cristalizados em redomas durante séculos; por isso a necessidade de se discutir, por exemplo, em debates em torno da conceituação de ‘família’ em face à pluralidade da diversidade de gênero na atual sociedade ocidental¹⁹).

Na linguagem da arte (em sua pluralidade semântica), a verdade encontra sua representação, sua cobertura, sua máscara. É assim das pequenas ações que perpassam pelo intelecto humano às grandes libertações do pensar. Vemos no que fazemos um símbolo de uma verdade: iludimo-nos, de novo, na ideia do ‘eu’ como entidade suprema, como verdade absoluta, como se todas as nossas ações e marcas deixadas fossem a exata condição do que *tem que, deve, precisa ser*. Medimos o nosso mundo com nossas ‘consciências’ individuais: e isso é um terrível engano.

Atentemo-nos: tudo o que cerca a ideia de ‘consciência’²⁰ é, pelo instrumento da linguagem, uma invenção, um condicionamento moral ao comportamento humano. E daí é que fica interessante.

Podemos ler esse aspecto da verdade sob outra forma: a da coação do discurso do poder que mantém a forma de verdade – ‘necessária’ ao mundo. Não é assim que urram políticos em campanhas, quando tentam mesmo para manter os seus necessários interesses, ou mesmo autarquias e setores que se beneficiam do seu Poder²¹.

Se falarmos que há uma linguagem da verdade, poderemos levar para outro nível de compreensão: se há uma linguagem é porque ela é a tradução da expressividade de um corpus social (comunidade, tribos, sociedades, dialetos etc.) – é a vestimenta da realidade que possui extenso valor (condicionável e utilitário) na arquitetura do imaginário cultural; em toda essa edificação de força da vontade de poder, somos levados e conduzidos (pelo desdobramento da necessidade de autopreservação de si) a produzir a verdade e conseqüentemente à aquisição de poder:

Para caracterizar não o seu mecanismo, mas sua intensidade e constância, poderia dizer que **somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e recompensa-a. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para produzir riquezas.** Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. (grifos nossos) (FOUCAULT, 2012, p. 279)

O que podemos afirmar disso? Sem a linguagem não há a realidade efetiva, não há sequer a possibilidade da afetividade. Em outras palavras, não há a possibilidade de visualização, de percepção visual e sensorial sem a experimentação presencial em face ao ente, ao ser, e a subsequente convenção (expressão) do que se vê²².

Enfim, sem a potencialidade que vem com a língua e a comunicação, o homem não teria como pensar, realizar e efetivar, o mais complexo processo ideológico social: a produção do discurso da verdade.

Com a linguagem, encorpada pela simbologia e ressignificação dos sentidos, a verdade tem que – para ser ‘verdade’ – dada como constructo ideológico, como produto cultural, como imaginação comum, bem-comum: em outras palavras, a verdade precisa se tornar ‘consciência’ e ‘necessidade’ (e, daí, temos o produto cultural, acessível, claro, a um preço!).

Escutamos, por aí, ‘Temos consciência das coisas, dos fatos, dos seres; portanto, temos a verdade do nosso lado’ – ora, isto não é um duplo processar sobre si?

De um lado, a consciência é tida como uma posse, como algo a ser possuído, a ser adquirido, a ser formado, educado, moldado no ser humano (portanto, toda conscientização é um processo de formação – moral, cultural e ideológica – do homem). O que isso vela? Que a consciência então tem seus limites, pois só se conhece o que está em condições temporais, espaciais e culturais de ser conhecido: dessa forma a ideia de uma consciência única, inabalável, imanente, de um poder único que regeria a vivência humana cai por terra, pois ela, a concepção de consciência humana, apresenta-se, por toda a face do planeta, como ajustável, cambiável, mutável em seu condicionamento no existir-aí (de outras formas: não há ‘verdades absolutas’, não há nenhum ‘em-si’ único, inabalável na realidade humana e a nossa história de supressões de ‘uma consciência e verdades melhores’ sobre

as 'não mais convenientes consciências e verdades antigas' é a prova disso), i.e., a consciência como uma invenção para a preservação da própria vida, um ajustamento contínuo do que se conhece como a verdade.

De outro lado, sob a posse da consciência, com o fato de se haver uma ideia de consciência que, por atração e como necessidade de comprovação do real, reverbere na ideia de 'verdade', tem-se a ideia de que há um sentimento de pertencimento à própria vida, um sentimento que complementa nossa vontade de verdade, nosso anseio pela verdade: ser consciente espelha (numa projeção e idealização de um 'ser-em-si' que seja a representação de uma realidade) o discurso da verdade.

Tudo o que reveste a palavra consciência, em sua utilização pública (tenha consciência, seja consciente, estava inconsciente etc.), traz em seu sentido a valoração da verdade: ser consciente é estar condicionado e integrado com ideias e perspectivas que para o ser são validadas por si mesmas, i.e., são tomadas como verdade.

A consciência, portanto, trata-se antes da articulação linguística e de toda história cultural ideológica que se molda numa máscara de discurso da verdade, num momento contextual específico, em que há o jogo da interação social.

Pensemos, no entanto, de uma seguinte forma: não há 'ser-em-si' pleno, perfeito, original; não há nenhuma confirmação de que uma essência (identidade) seja melhor do que outra a não ser sob determinadas perspectivas morais (de valores coletivamente mantidos e criados, para que sejam individualmente perpetuados) simplesmente, como pontos-de-vista morais (vale ressaltar que cada vez mais a moralidade caminha ladeada com a economia).

É possível pensar a cultura, por extensão, a lei e os costumes, em sua pluralidade sem as condições econômicas necessárias para a sua efetiva realização? Só para constar, na política, esse '(re)esforço' se chama *articulação política*, disfarçada alcunha para *propina*²³; no terreno das artes, chama-se *seleção* (sempre por critérios que ditam o que deve ser a tendência da representação do real, da verdade, do ideal de beleza) para consumo imediato (formação da moda, da beleza, da tecnologia, da literatura midiática – telenovelas, séries televisivas, filmes, ebooks etc.)”.

Há uma dupla articulação maliciosa por detrás de todo o trabalho de modelação e formatação do gosto pela ‘verdade’, do ideal de certo e errado, de bom e ruim. Onde a verdade atua como ponto nodal: na educação dos homens.

De certa forma, entendemos aquilo que se traduz pelo discurso da verdade como uma consequência da educação e da formação do homem social, do sujeito²⁴cultural (e daí o uso corrente e errôneo da palavra ‘liberdade’ de conhecimento, pois toda instrução e organização do pensamento educacional torna-se, rotineiramente, condicionamento por meio de tendências e correntes pedagógicas: ainda aprende-se nas escolas a educação deliberativa do ideal de ordem pública – nisso, agarram-se com força os candidatos a governadores, prefeitos e aos mais altos escalões políticos²⁵).

A verdade como conhecimento, como saber, como disciplina, como técnica, como ciência são as configurações de uma conscientização coletiva, num lugar comum, numa época específica (o que vemos na história da saúde pública, por exemplo, da Idade Média e suas pestes ocasionados pela falta de higiene e asseio até à urbanização e o caos da moradia urbana dos séculos XIX e XX²⁶).

Enfim, após toda análise proposta e efetuada, entendemos que a verdade, tudo que se subscreveu, no decorrer da história ocidental, sob o nome de uma ‘verdade’ absoluta (perpassando pela história da metafísica à história da construção do poder jurídico e legal da Renascença à contemporaneidade), de um ‘enssupremus’, da perspectiva de um suposto Ideal universal, único, imanente, de uma inabalável sistematização por imperativos categóricos (do pensamento filosófico às fórmulas matemáticas), toda verdade passa a ser percebida não como unidade indivisível, tampouco como relações de causa-consequência autorreferenciais (postas que estas denotam a uma utilidade da verdade, e não ao que *há* com a verdade em sua essência), mas como uma produção discursiva: uma construção, resultada de um complexo e amplo processo de valoração do ser, da coisa, da vida, da existência em caráter interpretativo-hermenêutico-ideológico. Em outras palavras, o homem inventa, molda, condiciona e produz a verdade para suprir os espaços de intelecção, vivência, compreensão e socialização que o cerca.

Qual o resultado disso? A verdade é uma interpretação com fins de sistematização do ser, do ente e da coisa numa projeção de idealização em ‘ser-em-si’, em ‘ente-em-si’ e em ‘coisa-em-si’: toda produção discursiva que se denomina de uma verdade apresenta em suas estruturas sentidos (valores, ideologias,

sensações, percepções) propensões à uma essencialização *ad infinitum* de si, de uma supervalorização da coisidade. Os discursos típicos que segregam e excluem as minorias sexuais, étnicas e raciais – herdeiros de uma fantasia alucinante fascista de que haja uma raça maior, melhor, superior, um gosto sexual certo, uma cultura exemplar etc. – são alguns desses ranços que se tomam-por-verdades-absolutas (o perigo do ideal está no mundo: no Brasil, quase 180.000 pessoas acessam, costumeiramente, conteúdos de teor neonazista: um dado só para constar).

A verdade, enquanto discurso, precisa de um *locus amoenus* para donde manter-se firme e, tal feito um obelisco nas grandes obras civis, manter-se, pois, imponente: este espaço necessário à manutenção do real e da efetividade da verdade é o da linguagem que cria, recria e brinca no jogo da memória cultural.

Foi nos dado, na memória de nossa coletividade cultural, que o mundo tem valor de utilidade, para que tudo tivesse a possibilidade de ter uma finalidade, um ‘em-si’, uma origem; hoje, no entanto, essa originalidade tem um fator comum: um preço.

Na sociedade tecnocrática do século XXI estar, possuir, render-se a verdade é condição indubitável para o – sonhado e demasiado oneroso – ‘bem-viver’ com sua adornada propaganda do ‘estar de bem com a vida’.

Acordamos, sonhamos, questionamos, estudamos, aprendemos, erramos, construímos, decoramos, experimentamos e nos seduzimos (deliciamo-nos com os prazeres e os vícios do mundo – as *trademarks* da existência consumista estão aí para nos servir) pela linguagem da verdade: ela nos é sentida, percebida, administrada em nosso viver como algo *essencial*. Corrijo-me: ela *tem que ser* vista e percebida como algo *essencial*: ela *deve ser* – e nesse dever, as valorações dos entes (seres e coisas) e as identidades em jogo se fazem presentes condicionando e formando o discurso da ‘verdade’ do ser: pensamos, elaboramos, construímos e usamos os juízos de valor, os discursos morais, ideológicos, afetivos que se dialogam na percepção condicionada por ideologias subjacentes (teleologias e utilitarismos) e sempre com um sujeito já pré-concebido para tal.

O homem é o animal que julga com o emaranhado instintivo que se denomina sua verdade-em-si, seus preconceitos e limites. Imaginamos o mundo com os nossos, somente os nossos olhos e com essa visualização-percepção-claridade do entendimento do mundo em mundanização, o homem: nós seguimos a trilha da existência de mãos dadas com a nossa força de vitalização da alteridade, que é a

maior ferramenta para, numa metáfora, a costura e o bordado da verdade, a nossa *linguagem*.

Sim, Heidegger clamou que a linguagem é a morada, a casa do ser. Sim. Mas, se assim entendemos, então procederemos numa visão de que o mundo é que se abre ao *Ser*, dentro do homem, através da imensidão significativa da *linguagem*. É com a potência da linguagem, com o trabalho exaustivo da aprendizagem e do conhecer o mundo que o homem, nós, inventamos também possíveis amanhã.

Para adornar, colorir, enfeitar, para dar tonalidades afetivas ao jogo das vivências, há, como jardim e quintal da casa do ser, que traz o verde limpo da lucidez, a *verdade* (não a pressão pela regra e a vontade de estar sobre um domínio e condicionamento como movimento da essência do que se *deve ser*), que move, coordena, convencionada o ser no espaço social, na práxis da sua existencialidade.

Notas

1 - O que podemos retirar disso? Que a verdade é, pois, uma convenção, uma manobra organizacional para manutenção, por vezes, de todo um poderio que se quer manter em voga, na moda, comandando as vidas com leis, normas e impostos.

2 - Cf. Alegoria do mito da caverna de Platão. In: PLATÃO, 1997.

3 - Cf. HEIDEGGER em sua primeira consideração acerca da problemática central em *Introdução à Metafísica* de 1970.

4 - Por isso, dizemos que a visão de uma verdade existencial na vivência do ser imagina, elabora, estrutura e encaminha a pragmática do existir. Estamos, nas nossas vidas, no nosso dia a dia, em face de um processo: a formação do nosso próprio ser; porém, isso só se dá na inteireza relacional com o mundo e com os outros, pela alteridade do existir. Criamos e moldamos o mundo que está ao nosso alcance, interferimos nele, jogamos com ele, para refazer a vida em suas possibilidades: o que é um jovem de uma grande periferia, sem acesso a material escolar decente, que consegue passar em boas universidades (neste país, as públicas) a não ser um homem que vence e quer ainda mais ‘guerras’ do existir no mundo (porque estamos em guerra, precisamos estar sempre em guerra conosco, para dentro de nós, em luta e em disputa pelo poder ser e mais-poder). Nietzsche disse-nos, certa vez, que só se vive se for perigosamente (cf. NIETZSCHE, Gaia Ciência, aforismo 283)

5- Para Heidegger (1991, p. 08) “a *humanitas* do *homo humanus* é determinada” – determinada, como criada, inventada, arranjada, construída e manipulada – “a partir do

ponto de vista de uma interpretação fixa da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo”, o que nos leva a enfatizar, peremptoriamente, que a verdade como interpretação do homem é um processo em torno do sentido de humanismo: “Todo o humanismo”, portanto, tudo o que se reveste como saber aceca do Homem, “se funda, ou numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica”.

6 - Em outros tempos, Theodor ADORNO e Max HORKHEIMER (2006) renunciaram um tipo – simbólico – de ser humano que adviria de uma sociedade capitalista tecnocrática: o homem genérico. O homem genérico não fala (porque sua voz não possui valor e potência, mesmo que lhe seja dado o poder do voto), não vê (ele apenas absorve o que a Indústria da cultura de massa – leia-se Mídia, elite econômica e Governo – quer que seja absorvido, ou, dizendo de uma forma mais direta, seja consumido), não participa (estar alheio ao que não é de sua responsabilidade – a contínua necessidade de especialização, o apequenamento das potencialidades do ser, o distanciar-se da vida e o fechamento em face ao mundo – o homem genérico é o depositário e destino de toda manipulação cultural) Cf.: ADORNO, 2013, p.52.

Mais à frente aparecerá o termo Indústria Cultural: nossa visão sobre o que é esta entidade regulamentar da vida humana, seguimos à sombra do lúcido texto de Adorno e Horkheimer, *O iluminismo como mistificação das massas*.

7 - Cf.: BAUMAN e sua entrevista que mais tarde foi compilada e publicada como *Identidade* (2010). Nela, o filósofo polonês discorre em torno de toda a problemática (do conceito, do ideal à construção e formação do ser) relacionada à identidade na existência da modernidade.

8 - HEIDEGGER, 2012a.p. 95-105.

9 - Estar-no-mundo é estar no aberto da decisão da existência, em contínua inter-relação de mundanização com a diversidade.

10 - Movimento arqueológico da abertura do ser na alteridade da existência: a verdade é uma invenção discursiva para dominar: quando dizemos temos a verdade queremos não ser contestados, pois afirmamos com veemência (para não dizer arrogância) toda a nossa intelectualidade em jogo. O discurso da verdade é o discurso da posse de um poder silencioso (o de estar-se sem acordo – tácito – com a realidade do existir).

11 - Valor este dado (historicamente imputado no imaginário social ocidental, no decorrer dos séculos, por uma tradição de pensamento socrático-platônico-cristão-burguês-capitalista) ao mundo, às coisas, às pessoas, aos afetos, enfim, o regramento e a medição da vivência em sua multiplicidade de modo que seja mesurada pela calculabilidade com fórmulas pré-padronizadas – e como tentam, ad exemplum, as revistas *teen* com seus questionários, receitas e dicas sobre como ganhar um(a) namorado(a), ou mesmo como perder a virgindade, até quais as formas mais ‘corretas’ e ‘melhores’ para atrair o novo parceiro! –

como se a presença de aspectos, de padronizações esquemáticas em torno da fisiologia do ser constituíssem e representassem, por si, ‘resultados esperados’ – dizendo em outras palavras, apresentassem a própria almejada verdade, concretizada na ‘vida real’.

12 - Vale considerar aqui o excelente trabalho filosófico acerca do mito da caverna platônica em Martin HEIDEGGER (2012a) em que disserta sobre a essência da verdade, um tratado histórico-filosófico acerca das possibilidades de se repensar o que é a verdade e se há uma essência ‘em-si’ no discurso da verdade.

13 - Aquilo que se inscreve sobre verdade, como a conduta humana, o comportamento, a ética, os valores humanos, as ações, o pensamento, as bases legais, a formação educacional etc., isso é o discurso da Verdade em sua realização efetiva na realidade, o que marca os passos das vivências e experiências dos homens em sociedade. O corpo social, a vida humana se determina, organiza-se e se estrutura pelo discurso da verdade (legal, cultural e moral). Para Nietzsche, o filósofo alemão, a verdade seria uma conceituação de caráter niilista, porque não há verdades únicas, intangíveis, imutáveis. Cf.: NIETZSCHE (2010)

14 - Pois o homem, o sujeito, o ser, o Eu quer mostrar-se ao mundo, todo nosso sentimento de pertença no mundo, aquilo que Heidegger outrora chamou de *mundanização*, dá-se por meio de um jogo, em rede: o discurso, enquanto *linguagem* existente por meio das nossas inventadas identidades culturais – identificam-se os grupos de jovens pela linguagem, estabelecem-se padrões em determinados debates; encontram-se os trabalhadores que criam sem remuneração as fantasias e os carros alegóricos para o carnaval; reúnem-se os homens e as mulheres pelos gostos e valores morais, familiares educacionais, sexuais etc. Pensar assim é dizer que numa fórmula: todo ser procura na verdade seu princípio para o equilíbrio, para a sua ideia (meramente uma ideia) de igualdade. ‘Se tu és igual a mim, tu estás com a verdade, porque Eu sou a verdade’, falou, quase isso, certa vez, um pastor de ovelhas, as quais gostavam de ser ovelhas perdidas – tinham desejos de rebanho!

15 - O heterônimo Alberto Caeiro, segundo as palavras de outros heterônimos como Ricardo Reis, seria o Mestre de todos os outros, inclusive mestre do ortônimo de Fernando Pessoa (ele-mesmo): com a arte, Fernando Pessoa brinca e joga com a verdade da criação. O artista é o homem ou só uma idealização, uma invenção? Os movimentos modernistas foram as primeiras investidas contra um ideal de arrebanhamento do homem na libertação para viver suas múltiplas possibilidades de existir.

16 - Filme dirigido por Adriana Barbaro e Jeremy Earp, este documentário de 66 min apresenta como operam as ciências da publicidade, da propaganda, da indústria cultural (no caso, a Indústria cultural como Adorno e Horkheimer apontam), para a doutrinação das crianças na formação de seres consumidores, os futuros Homens do consumo.

17 - A leitura de Marshall Bergman, *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*, pode ser de considerável valia para se entender como ocorreu essa mudança cultural no significado dos valores humanos em face ao mundo do pós-guerra e da aceleração do capitalismo.

18 - Respondermos o que é a Indústria cultural tomar-nos-ia muito mais que o espaço de um artigo, assim, defini-la-emos como o poder que há em rede dentro das esferas públicas (cultura, mercado, administração pública etc.). Se há um poder, há quem o controle: há uma elite silenciosa na contemporaneidade (a mídia, o governo público feito por políticos nefastos, as grandes empreiteiras, as empresas que fazem contratos às escusas para obterem vantagens) que haja com fins e objetivos bem traçados (o consumo, o lucro e, por fim, e esperamos que não soe estranho, pois explicaremos adiante, a homogeneização pluralista da identidade pelo valor da aquisição).

19 - A lei 11.340, de 2006, também conhecida como “Lei Maria da Penha” institucionalizou uma necessidade: a de se preservar os direitos dos parceiros nos relacionamentos, em especial, as mulheres. Além disso, atentemos para o fato histórico que, noutro caso, só em 1990 que o conceito de homossexualismo deixou de existir no CID (Classificação Internacional de Doenças). Hoje, a questão do ‘transgênero’ traz à tona novos índices a se debaterem, assim como os direitos femininos levantam suas bandeiras para a discussão do direito ao aborto.

20 - Adiantemos e percebamos que nossa ideia de ‘consciência’ é nada, uma invenção que é tão somente uma das peças da engrenagem ideológica de dominação cultural mais silenciosa e antiga que imaginamos: o ideal da Bem, por extensão, o conceito de Justiça, democracia etc.

21 - Juízes no estado do Rio de Janeiro bloquearam as contas da administração pública estadual para – atenção – o pagamento dos servidores - somente - do judiciário: não sei quanto ao que se pode vir a ler, mas percebemos, com nosso olhar de madeira (GINZBURG, 2001), que a verdade, ainda, no terreno do pensamento tradicional, sob a esfera do poder político em jogo, a verdade tonar-se uma disputa, uma luta, uma simbólica guerra, **πόλεμος** (*polemos*), o embate decisório em busca do mais-Poder, da confirmação do Poder, de uma encenação e jogo ideológico com a verdade sempre cambiante e sujeita a certa ‘retórica’ tendenciosa (*ad exemplum*, as pomposas, sentimentais e fraternais campanhas eleitorais do governo do excelentíssimo sr. Governador Pezão que, ora pois, não condizem com a administração vigente, dada a situação econômica após a queda da Petrobras.).

22 - Construimos, elaboramos, internalizamos as imagens que se presenteiam ao mundo em deveniência. Há em cada ato de linguagem um identificar de cada ser (*eidós*), coisa (*ousia*) os nomes, a representação (*imitatio* e *adequatio* da linguagem) convencional de uma imagem com uma ideia em função do que visualizamos, do que imaginamos e inventamos –

todo nomear e identificar pelo nome envolve o jogo da identidade de quem nomeia, de quem chama, de quem fala, de quem está em jogo: não há linguagem plena, perfeita ou mesmo incólume ao mundo em transformação)

23 - As deflagrações políticas nacionais acerca da empresa Petrobras e outras formas de corrupção ativas são as traduções do que se disse.

24 - Quando fala-se em sujeito, há por detrás as 'máscaras' que identificam a existencialidade do ser: para Heidegger, 'a linguagem é a casa do ser' (HEIDEGGER, 1991, p. 07)

25 - De fato, nesse caso, a participação popular vem sendo, no último ano, convocada no que concerne, por exemplo, a escolha temática, dos eixos direcionadores de cada disciplina escolar (nas Matemáticas, nas Linguagens etc.), com o projeto Base Nacional Comum Curricular, iniciativa do Governo Federal e do MEC. Cf.: www.basenacionalcomum.mec.gov.br

26 - Um médico, no período medieval, descobriu que, ao se lavar os materiais de uso para a realização de partos, por volta do século XII-XIII, reduzia significativamente o número de mortes de mulheres. O que temos, no exemplo, é, pois, a confirmação da experiência e da experimentação como pactos representativos e simbólicos para a realização da verdade do saber.

Referências

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2012.

GINZSBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. *As identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1970.

_____. *Cartas sobre o Humanismo*. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia*. Belo Horizonte: Vozes, 2012a.

_____. *Ser e tempo*. Belo Horizonte: Vozes, 2012b.

_____. *O que é isto a Filosofia? Identidade e Diferença*. Belo Horizonte: Vozes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Vontade de Potência*. São Paulo: Contraponto, 2010.

_____. *Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Abril: 1997